

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*. Paris: Honoré Champion Editeur, 2007, 236p.



Clarissa Prado Mariniⁱ
(Mestranda – POSTRAD/UnB – Brasília/Brasil)
clarissamarini@gmail.com

A autora e pesquisadora brasileira Inês Oseki-Dépré é, atualmente, professora emérita do departamento de Literatura Comparada da Universidade de Aix-Marseille, França. Oseki-Dépré também é tradutora de autores franceses para o português e de escritores brasileiros (e portugueses) para o francês. Em seu livro “*De Walter Benjamin à nos jours... (Essais de traductologie)*” (2007), ainda sem tradução no Brasil, a autora visa apresentar e discutir os efeitos causados pelo texto de Walter Benjamin (traduzido no Brasil como “A tarefa do Tradutor”), desde a sua publicação na década de 1920, até hoje, no pensamento de filósofos, tradutores e poetas que constituem grandes nomes da tradutologia contemporânea.

145

Essa observação do impacto e dos efeitos do enigmático texto de Benjamin foi feita, nas palavras de Oseki-Dépré (2007, p. 9), de maneira “genealógica”, e até mesmo “arqueológica”. Assim, Oseki-Dépré (2007, p. 9, 10 e 11) se propõe a expor teorias e pesquisas geradas a partir do texto de Benjamin, como também se propõe a definir as interpretações mais notáveis feitas a partir de seu texto, no domínio da tradutologia contemporânea, tanto aquelas inspiradas de maneira fragmentária e como aquelas que conservaram apenas um ponto de sua reflexão acabando por modificar o raciocínio de Benjamin. Além da exposição mais teórica, a última parte da obra traz quatro fecundos estudos de caso para as reflexões sobre a relação entre a teoria e a prática tradutórias.

Na entrevista concedida a Rossi e Sousa (2012), para a Revista Traduzires, Oseki-Dépré esclarece seu objetivo:

Em *De Walter Benjamin à nos jours*, pensei em apresentar algumas das diversas correntes tradutológicas que se sucederam no decorrer da história depois do famoso texto de Walter Benjamin (“A Tarefa do Tradutor”, 1926) e que se afastaram da perspectiva do filósofo alemão. Também nesse livro apresento “casos” de aplicação

O livro é organizado em três partes, por abordagens, sendo a primeira parte uma síntese (e recorte) das abordagens teóricas mais importantes elaboradas a partir de “A tarefa do Tradutor”, a segunda um conjunto de abordagens de cunho mais sociológico que configuram desvios ou leituras parciais das ideias de Benjamin e a terceira traz as abordagens práticas, as possíveis aplicações práticas dos aspectos teóricos anteriormente discutidos.

Na introdução da primeira parte da obra, Oseki-Dépré destaca os nomes de Cícero (106 - 43 a.C.), porta-voz da latinidade no momento da penetração grega na cultura romana, São Jerônimo (347 - 420 d.C.), o primeiro tradutor da Bíblia hebraica para a língua latina, e, por fim, Walter Benjamin, destacando os três como os autores que formularam de maneira essencial e lapidária as orientações que fundamentam a prática do traduzir (Oseki-Dépré, 2007, p. 15).

Na interpretação de Oseki-Dépré, são esses três momentos na história os mais relevantes em relação à teorização sobre a prática da tradução. Assim, Walter Benjamin representa o iniciador da contemporaneidade dentro da área da tradutologia segundo a autora. É a partir do texto de Benjamin e das interpretações que se sucederam, que se estabelece a tradutologia contemporânea.

Walter Benjamin (1892 – 1940) publicou seu “*Die Aufgabe des Übersetzers*” (“A tarefa do tradutor”)ⁱⁱ, na forma de um prefácio de sua tradução de “*Tableaux parisiens*”, de Charles Baudelaire, realizada em 1923 em Heidelberg, Alemanha. A importância de Walter Benjamin e o motivo pelo qual Oseki-Dépré o considera como aquele que inaugura a tradutologia contemporânea é o caráter inovador de seu texto, no qual o autor recusa o desgastado problema da dualidade da tradução (fonte ou alvo), levando a tradução para uma discussão de cunho mais abstrato, abrindo assim um espaço de liberdade para o tradutor (p. 17).

Nos cinco capítulos da primeira parte do livro, “*Entre herméneutique et poétique*”, são abordados os pressupostos da teoria de Walter Benjamin, sua tarefa do tradutor, em seguida discute-se as propostas de Antoine Berman sobre a tradução, e as abordagens acerca de uma poética “literalista” (“*de Mallarmé à Klossowski*”), a poética “militante” de Henri Meschonnic (capítulo 4) e, por fim, a proposta de tradução-recriação de Haroldo de Campos.

Nessa sessão do livro, é possível perceber que Walter Benjamin deu origem a linhas diferentes de teorização sobre a tradução. A primeira é aquela em que Antoine Berman fala sobre o objetivo ético da fidelidade que prega a abertura em relação ao outro. Na sequência, a literalidade na tradução defendida por Benjamin encontra abrigo em Mallarmé e Klossowsky,

que são representativos de uma nova maneira de traduzir na França (seus precursores estariam em Chateaubriand e Hölderlin). Ambos os poetas defendem uma maior abertura da língua para a qual se traduz em relação aos aportes do original.

A outra linha surge a partir de uma interpretação diferente das palavras de Benjamin e que julga haver uma homologia entre o texto original e o texto traduzido, atribuindo a ambos um valor igual. Além disso, essa segunda vertente privilegiaria a forma em detrimento do sentido. Henri Meschonnic se afasta de Benjamin quando fala no “fazer tradutivo”, mas isso não impede que defenda, ainda na esteira de Benjamin, que a tradução é um processo de escrita criativo. Também nesse sentido, os poetas do Novo Mundo (nas palavras da autora), como Octavio Paz, Ezra Pound, Augusto de Campos e, com destaque, Haroldo de Campos, trazem na teoria, e também em sua prática, a ideia do “isomorfismo” entre o original e a tradução. Haroldo de Campos defende sobretudo a prática transcriadora.

A segunda parte, “*Du poétique à l’interculturel*”, apresenta as abordagens sociológicas, sendo elas a nova proposta sobre a ética da tradução feita por Anthony Pym; em seguida apresenta as questões ligadas ao “*gender translation*”, a teoria dos polissistemas e, finalmente, aborda o pós-colonialismo na República mundial das letras. Essas correntes constituem a abordagem social e cultural dos Estudos da Tradução, que não se filiam claramente às linhas teóricas literárias sucessoras de Benjamin, ou o fazem apenas de maneira parcial.

Na terceira parte, “*Éclairages*”, a autora apresenta reflexões a partir da relação entre teoria e prática, com algumas análises de traduções: da Eneida de Virgílio, retraduições da Bíblia mais especificamente do livro Eclesiastes (o “*Qohélet*”), a tradução feita por Baudelaire de “*The Raven*” (na tradução em português: “O Corvo”) de Edgar Allan Poe. Tais estudos de caso são apresentados no contexto da discussão sobre a subjetividade e o sujeito da tradução, contemplando ainda uma reflexão sobre a relação entre o tradutor e sua “loucura”.

Oseki-Dépré, ao analisar criticamente a tradução literária, remonta o processo da criação da tradução, mostrando como se pode fazer uma análise de tradução, assim aproximando a teoria literária da tradutologia, como diz na já citada entrevista publicada na Revista Traduzires, em que a autora responde sobre sua contribuição mais marcante para os estudos da tradução:

Acho modestamente que minha contribuição essencial concerne a literatura comparada que inicialmente não se ocupava de questões de tradução literária. Também penso ter mostrado principalmente através dos meus estudos literários, o caminho de uma pesquisa aplicada que associe a teoria literária, a tradutologia, que mostre o laço inextricável que une, crítica, teoria e tradução. (ROSSI e SOUSA, 2012, p. 140)

Nos últimos capítulos da terceira e última parte do livro, Inês Oseki-Dépré privilegia o tradutor, o sujeito da tradução, quando revela que através do estudo da tradução é possível estudar o inconsciente, e discorre sobre a relação do trabalho do tradutor com sua “loucura” mental, sua face “esquizofrênica”.

Na conclusão, a autora deixa claro que, a seu ver, a tradução se encontra, assim como a filosofia, entre a criação e a teoria. A *tradutologia*, concebida como tal, seria, então, uma área de estudo, ainda distante de constituir uma ciência, porém se configura um campo fecundo para o desenvolvimento de relevantes análises e pesquisas. Essa *tradutologia* seria o aspecto literário da tradução, um campo de reflexão transdisciplinar em que se problematizam as questões da tradução de textos literários. A esse respeito, Oseki-Dépré afirma que:

[...] somos forçados a constatar que, apesar dos esforços de teorização da tradutologia contemporânea com sua profusão de desenvolvimentos, ela permanece longe de uma definição científica, ela não produz hipóteses teóricas, ela permanece indutiva.ⁱⁱⁱ (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 215 – tradução nossa)

148

Berman defende a tradutologia como retomada reflexiva da experiência que é a tradução, não como um discurso sobre a tradução, mas um discurso oriundo da experiência tradutória, e essa reflexão sobre a experiência é a mesma proposta por Oseki-Dépré. Apesar de afirmar que a teorização sobre a prática na tradutologia não é satisfatória, a autora reconhece o “novo campo” e sua relevância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. “A tarefa do tradutor” (traduzido por Susana Kampff Lages) in *Escritos sobre Mito e Linguagem*, Rio de Janeiro: Editora 34, 2011, p. 101 a 119.

BRANCO, L.C. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Viva Voz, 2008.

OSEKI-DÉPRÉ, I. *De Walter Benjamin à nos jours...* (Essais de traductologie). Paris: Honoré Champion Editeur, 2007.

ROSSI, A., SOUSA, G.. Entrevista com profa. Dra. INÊS OSEKI-DÉPRÉ. **Traduzires**, Brasília, Vol. 1, N. 2, dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/8061/6129>>. Acesso em: 07 Ago. 2013.

ⁱ Currículo Lattes – Clarissa Prado Marini. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4474411320594145>.

ⁱⁱ A tradução para o português usada neste trabalho é a tradução de Susana Kampff Lages (ver referência bibliográfica completa no final deste trabalho).

ⁱⁱⁱ Trecho original: “... on est forcé de constater que, malgré les efforts de théorisation de la traductologie contemporaine avec sa profusion de développements, elle reste en deçà d’une définition scientifique, elle n’engendre pas des hypothèses théoriques, elle reste inductive.”